IMPrensa PORTUGUESA SOBRE CINEMA: UMA RETROSPECTIVA

JAIME LOURENÇO
CIES/ISCTE-IUL e UAL
jaimelourenco@me.com

MARIA JOÃO CENTENO
ESCS-IPL/ICNova
mcenteno@escs.ipl.pt

Resumo

O Jornalismo de Cinema, considerado um subgénero do Jornalismo Cultural, apresenta-se-nos como um objecto de estudo ainda por explorar nas ciências sociais e da comunicação, nomeadamente em Portugal onde a investigação sobre este subgénero é quase inexistente. Uma vez que o cinema é, de entre as manifestações culturais e artísticas, uma das que tem maior presença nos *media* portugueses (de acordo com dados do projecto A Cultura na Primeira Página [Baptista, 2014; 2017a]), importa aprofundar a investigação sobre esta prática jornalística.

No âmbito de uma investigação mais alargada, parece-nos fundamental percorrer os principais títulos da imprensa portuguesa sobre cinema que têm acompanhado a recepção do cinema nacional e internacional e que têm sido cruciais para a construção da cultura cinematográfica dos portugueses. A primeira publicação dedicada em exclusivo ao cinema surgiu na década de 1910 e é a partir da segunda metade do séc. XX que se começa a constatar a aceleração do gosto cinematográfico (Barroso,

2008:26) e a consolidação das publicações sobre cinema em Portugal.

Nesta comunicação, através de uma revisão de literatura e análise documental, traçamos a evolução da imprensa portuguesa sobre cinema e analisamos as características dos principais títulos desde as origens do cinema até 2014 (ano em que circulou pela última vez uma publicação portuguesa especializada em cinema).

Palavras-chave

Jornalismo de Cinema; Imprensa Portuguesa; Recepção

INTRODUÇÃO

Durante o séc. XX, a implementação do Cinema foi acompanhada por publicações especializadas que, tal como Barroso (2008) afirma, foram essenciais para a construção de uma cultura cinematográfica em Portugal. O presente estudo propõe traçar uma retrospectiva das principais publicações dedicadas ao cinema em Portugal, desde a primeira, em 1917, até à última em 2014, o que corresponde a quase um século de imprensa sobre cinema traduzido em várias mutações significativas quanto aos temas abordados, aos géneros jornalísticos utilizados ou à cobertura do cinema português.

Recorreu-se a uma extensa revisão de literatura no que diz respeito à primeira metade do séc. XX e quanto à segunda metade do século e a primeira década do séc. XXI optou-se, além da revisão de literatura, por uma análise documental de vários números das seguintes publicações: as revistas *Cinéfilo*, *Imagem*, *Filme*, *Cinema Novo*, *Cinematógrafo*, *Estreia*, *Premiere*, *Magazine.HD*, *Total Film* e *Empire*.

AS PRIMEIRAS DÉCADAS DA IMPRENSA SOBRE CINEMA

As primeiras imagens em movimento terão sido vistas em Lisboa em finais do séc. XIX, mais precisamente em Março de 1895 (no mesmo ano em que os irmãos Lumière apresentaram o cinematógrafo em Paris). Este foi o ponto de partida para o desenvolvimento e progresso daquela que viria a ser a “doença do tempo” (Pina, 1986) dos primeiros anos

do séc. XX e que atraiu, quer em Portugal quer internacionalmente, a atenção da imprensa.

A nível internacional desenvolveu-se, a par do cinema, uma imprensa dedicada aos espectáculos cinematográficos, nomeadamente em França, Itália e nos Estados Unidos. As primeiras publicações eram revistas corporativas profissionais (como *Le Fascinateur*, criada por Georges Coissac) e dedicadas à divulgação cultural da sétima arte (como *Le Film*, criada em 1914 por Henri Diamant-Berger) (Aumont & Marie, 2009, p. 224). Portugal, à semelhança do que acontecia nesses países, também começou a dispor de publicações exclusivamente dedicadas ao cinema, a primeira a partir de 15 de Março de 1917: a *Cine Revista* (Costa, 1954, p. 5; 1978, p. 51). Foi publicada em Lisboa e focava o seu olhar em celebridades internacionais como Diana Karenne, Leda Gys, Gabriela Robinne, Francis Ford, Charles Chaplin, Gloria Swanson, entre outros. A *Cine Revista* dedicava secções aos progressos e novidades das componentes técnicas do cinema, bem como ao cinema nacional. Entre 1917 e 1924 estiveram presentes nas páginas da revista todas as produções nacionais e ainda artigos que evocavam os direitos e interesses das produtoras, exibidores e profissionais de cinema (Costa, 1954, pp. 7-8).

No início da década de 1920, o Porto era considerado a capital do cinema em Portugal e foi onde surgiram duas publicações que marcaram o início dos anos 20. A revista *Porto Cinematográfico* que surgiu em Agosto de 1919 e a revista *Invicta Cine* em Março de 1923. A primeira tinha como director, editor e proprietário Alberto Armando Pereira, pioneiro do jornalismo de cinema em Portugal. Henrique Alves Costa, responsável pela criação do Cineclubes do Porto, considera a *Porto Cinematográfico* como “uma das melhores revistas cinematográficas que se editaram em Portugal” (Costa, 1954, p. 9). Esta publicação era mensal e reconhecida pela variedade de textos. O último número foi publicado em Março de 1925. Por sua vez, a *Invicta Cine* foi uma das revistas dedicadas ao cinema com maior duração em Portugal. Circulou durante 11 anos, chegou a ter correspondentes em Paris, Berlim, Viena e Nova Iorque e defendeu, ao longo do tempo, o cinema português e o cinema enquanto arte. Entre os vários colaboradores destacou-se Alberto Armando Pereira pela secção “Crítica de Filmes”.

A década de 1920 é caracterizada por um aumento do número de

salas de cinema, destacando-se o aparecimento do Tivoli, em 1924, e a remodelação de várias salas de teatro como os teatros São João e Rivoli (Barroso, 2008, p. 24), mas também uma amplificação da consciência da necessidade de um cinema nacional. Em 1924 surge no Porto a associação que viria a estar na base do cineclube, a Associação dos Amigos do Cinema, e em 1929, em Lisboa, a Associação Cinematográfica de Portugal. Este crescimento do interesse pela actividade cinematográfica levou a que também na imprensa generalista portuguesa surgisse a primeira página exclusivamente dedicada ao cinema, mais especificamente no *Diário de Lisboa*, em Outubro de 1927. Esta página tinha, inicialmente, como título *Arte Cinematográfica/O claro-escuro animado* e estava a cargo de António Lopes Ribeiro, um dos primeiros críticos de cinema em Portugal (assinava os textos sob pseudónimo de *Retardador*). Mais tarde, esta página seria rebaptizada de *A Semana Cinematográfica* (Cunha, 2008, p. 9; 2014, p. 241).

Mas as publicações especializadas em cinema da década de 1920 proliferavam, tendo surgido mais de 20 títulos¹. Entre todos estes títulos, a *Cinéfilo* destacou-se e foi a publicação portuguesa dedicada ao cinema com maior longevidade (Borges, 2018; Costa, 1954, p. 18; 1978, p. 52). Lançada pelo jornal *O Século*, esta revista inspirava-se (a nível do formato, páginas, etc.) no modelo da primeira fase da revista francesa *Mon Ciné*. No editorial, a revista *Cinéfilo* afirmava que “a lacuna que procuramos preencher não é das publicações artísticas ou técnicas, mas a de um órgão popular destinado especialmente aos que ignoram outras línguas e ainda aos que, familiarizados com elas, aguardavam uma revista de vulgarização, em cujas páginas ilustradas houvesse, a par da matéria geral, artigos e informações de interesse particular para os portugueses” (Borges, 2018). A revista tinha uma forte componente ilustrada, incluía reportagens, artigos de opinião, notas sobre estreias, textos de e sobre actores e actrizes, de noções técnicas e ainda a correspondência de leitores (Borges, 2018). A 15 de Setembro de 1939 (no número 578), a publicação da *Cinéfilo* é suspensa de forma temporária, enquanto a 2ª Guerra Mundial estivesse a decorrer. No entanto, a revista continuou

¹ Alguns destes títulos foram *Jornal dos Cinemas* (1922), *Portugal Cinematográfico* (1923), *Cine Lisboa* (1923), *Invicta Cine* (1923), *Cine Teatro* (1923), *Cinema* (1924), *De Cinematografia* (1925), *Cine Portugal* (1926), *O Film* (1926), *Cine Jornal* (1926), *Espectáculo* (1927), *De Cinema* (1928), *Arte Muda* (1928), *Cinéfilo* (1928), *Imagem* (1928) (Costa, 1954, pp. 10-19).

a ser publicada num novo formato, enquanto suplemento do jornal *O Século*, apenas com oito páginas (Borges, 2018).

O interesse pelo cinema continuou a manifestar-se e a crescer, atravessando as décadas de 1930 e 1940, onde se assistiu a uma continuação da proliferação de salas de cinema por todo o país e a um maior enraizamento do cinema em Portugal. Nestes anos foram apresentadas várias medidas de incentivo ao cinema português, onde se inclui a criação da Cinemateca Portuguesa (Pina, 1986, p. 71) e a criação de vários cineclubes pelo país. É neste quadro da cultura cinematográfica portuguesa que surgiram mais de 30 publicações especializadas em cinema, entre as quais se destacaram títulos como *Kino* (1930), *Cinema* (1932), *Animatógrafo* (1933), *Movimento* (1933) ou *Cine-Jornal* (1935). Estas publicações procuravam conciliar várias necessidades e interesses, como dar resposta aos objectivos de distribuidoras, o que implicava depender da publicidade que estas proporcionavam, bem como responder à curiosidade dos leitores (Barroso, 2008, pp. 25-26). Deste conjunto de publicações sobressaiu um conjunto de responsáveis e colaboradores que dominou a produção cinematográfica em Portugal nas décadas de 1930 e 1940².

UMA IMPRENSA EM MUDANÇA

O panorama da imprensa portuguesa sobre cinema na década de 1950 era relativamente pobre quando comparado com outras realidades, como por exemplo, a francesa ou italiana (Henry, 2006, p. 233). No entanto, a década de 1950 destaca-se pela criação de novos títulos como é o caso das revistas *Imagem* (que surgiu a 28 de Outubro de 1950, em Lisboa), *Visor* (1953), *Celulóide* (1957) e *Filme* (1959). A *Imagem* foi o título mais importante neste período a nível cultural, de divulgação cinematográfica e de repercussão do movimento cineclubista (Costa, 1954, p. 33; Henry, 2006, p. 233). Esta publicação definia-se, tal como mencionado no editorial do primeiro número, como uma “revista popular de cinema” e

² António Lopes Ribeiro (director da *Animatógrafo* e *Kino*), Jorge Brum do Canto (colaborador da *Cinéfilo* e *Imagem*), Chianca de Garcia (director da *Imagem*), Leitão de Barros (colaborador da *Imagem*), Continelli Telmo (colaborador da *Imagem* e *Kino*) (Cunha, 2014, p. 242) e Manoel de Oliveira (colaborador da *Movimento*) (Mangorrinha, 2014b).

pretendia ser “uma revista séria que aspira a uma certa intelectualidade”. Em 1954 surge a 2ª série, alvo de uma reestruturação de modo a apresentar-se como mais intelectual e séria.

O caso da revista *Imagem* espelha bem a mudança de paradigma que se fez sentir no campo do jornalismo de cinema na década de 1950. A primeira metade da década é marcada por artigos de dimensão reduzida (nomeadamente breves), o destaque às celebridades internacionais e por um estilo discursivo maioritariamente descritivo. Já na segunda metade da década, apesar de as breves continuarem a marcar a maior presença, a crítica, enquanto género de promoção de reflexão e interpretação, começa a ganhar força (Lourenço & Centeno, 2019). Foi nesta década que se quebrou com o modelo centralizado na opinião do crítico, progredindo para uma crítica orientada por critérios que analisavam os filmes do ponto de vista técnico e artístico. Assumimos que tal mudança se deve à influência das revistas francesas, em grande medida da *Cahiers du Cinéma*, que surge em 1951.

Nestas publicações, o tema com maior presença eram as celebridades, seguidas das estreias (Lourenço & Centeno, 2019). Surgiam ainda outros temas de forma residual, como a cobertura de festivais internacionais, da actividade dos cineclubes ou do cinema de amadores, sendo que é nesta década que estes se começam a manifestar (Barroso, 2008, p. 26). No caso dos cineclubes, curiosamente, algumas publicações mantinham uma relação directa com o movimento cineclubista: a revista *Imagem* criou um cineclubes homónimo e as revistas *Visor* e *Celulóide* eram propriedade do cineclubes de Rio Maior (Cunha & Penafria, 2017, p. 105).

A AFIRMAÇÃO DA CRÍTICA

Na década de 1960, a crítica evidencia-se como o género jornalístico com maior presença nas publicações dedicadas ao cinema (Lourenço & Centeno, 2019). Esta foi uma década marcada pela produção de textos e peças críticas que desenvolviam o pensamento discursivo, estético e narrativo através de conceitos sociais, políticos, estéticos ou filosóficos. Foram anos de afirmação de um género jornalístico determinante para iniciar a compreensão e interpretação dos filmes na sociedade portuguesa (Barroso, 2002, pp. 92-108), quer nas revistas especializadas quer na

imprensa generalista.

Em 1968, o *Diário de Lisboa* passou a publicar diariamente críticas assinadas por Lauro António e Eduardo Prado Coelho, algo que viria a revolucionar a história da crítica na imprensa em Portugal e a alterar o panorama da crítica de cinema portuguesa (Cunha, 2008, p. 13; 2014, p. 250). De acordo com João Lopes (2016), foi a partir deste período que se consolidou uma base crítica capaz de gerar importantes espaços de reflexão sobre o cinema (Lopes, 2016, p. 77).

A actualidade do sector cinematográfico passou a estar presente nas revistas de cinema, sendo as estreias o tema com maior presença, seguidas das celebridades (Lourenço & Centeno, 2019). Também os Festivais de Cinema, nomeadamente o de Cannes e o de Veneza, passaram a ter uma cobertura frequente. Estas revistas foram ainda uma força determinante na defesa e revitalização do cinema português neste período³.

Foi nesta década que as revistas *Imagem* e *Filme* terminaram a sua edição, respectivamente em 1961 e 1964.

UM OLHAR PARA OS ACONTECIMENTOS CINEMATOGRÁFICOS

A imprensa internacional especializada em cinema propagou-se na década de 1970. Destacaram-se títulos como a *Positif*, *Cinéthique*, *Cinémaction* em França; *Screen* e *Framework* no Reino Unido; *Cine-Tracts* e *Cine-Action* no Canadá; *Jump Cut* e *Cineaste* nos EUA, *Ombre Rossi* e *Filmcritica* em Itália (Cunha, 2014, p. 250). Em Portugal, este período é marcado por uma mudança no sistema de comunicação social. “Confrontada com novas opções em plena instabilidade política, a população portuguesa com possibilidade de acesso aos órgãos de informação procurou neles pontos de referência e rumos de orientação” (Mesquita, 1996, p. 361). No que diz respeito à imprensa cultural, os anos 70 são marcados pelo reaparecimento da revista *Cinéfilo* em 1973 (desde 1939 que só era publicada, juntamente com o jornal *O Século* em formato de suplemento), considerado um momento marcante na

³ A título de exemplo, o número 20 da revista *Filme* (Novembro de 1960) dedicou um dossier ao que já se chamava “Novo Cinema Português”.

história da imprensa cinematográfica portuguesa (Cunha, 2014, p. 259). Esta foi considerada a publicação que mais espaço reservava à cultura e aos espectáculos neste período em Portugal (Carmo, 2006), abrangendo áreas como o cinema, a música, o teatro, a televisão ou o bailado e com um vasto leque de colaboradores⁴. Contudo, teve um regresso curto, tendo terminado em Maio de 1974. Esta revista marcou o debate cultural nos últimos momentos da ditadura, tendo contribuído para muitas das discussões que se colocaram no pós-25 de Abril (Cunha, 2014, p. 259).

Os anos 1970 foram uma década em que o enquadramento dos conteúdos das publicações passou a estar, em grande medida, centrado nos acontecimentos, tendo aparecido os espaços de agenda com as estreias da semana e os filmes em cartaz. É a partir desta década que os festivais e ciclos de cinema começam a surgir em grande número nas publicações, seguidos das celebridades e das estreias (Lourenço & Centeno, 2019), onde, além da cobertura a eventos como o Festival de Cannes, também as retrospectivas promovidas pela Cinemateca Portuguesa e pela Fundação Gulbenkian marcaram as páginas destas publicações.

Ao contrário daquilo que se verificava na imprensa generalista de então, onde as peças jornalísticas não explicavam ou promoviam a reflexão (que segundo as palavras de Jean Paul Sartre, reproduzidas por Mesquita (1996, p.363), “[a imprensa] não parece muito boa (...) ela nunca procura explicar”), as publicações especializadas em cinema eram compostas por géneros que promovem a reflexão como a crítica e a crónica. Contudo, além da presença dos géneros de opinião, a notícia foi o género jornalístico dominante nos anos 1970 (Lourenço & Centeno, 2019).

Foi uma década em que surgem novos títulos como a *Cinema Novo* (em 1979) e se passou a olhar para a actualidade cinematográfica portuguesa com outros olhares, tendo sido aberto o debate a questões como a orientação do cinema português de acordo com uma linha comercial ou um registo de ‘cinema de autor’.

⁴ A segunda série da revista *Cinéfilo* foi dirigida por Fernando Lopes, António-Pedro Vasconcelos era o chefe de redação, João César Monteiro o redactor principal e entre os colaboradores encontravam-se nomes como Eduardo Prado Coelho, Vasco Pulido Valente, Alberto Seixas Santos, Eduardo Gêada, Henrique Alves Costa, entre outros.

A DÉCADA DOS BLOCKBUSTERS

O eclodir das indústrias culturais em Portugal marca a década de 1980. Neste período assistiu-se a uma especialização dos *media*, que resultou no aparecimento de jornais e revistas dedicados à cultura e ao cinema (Santos Silva, 2009, p. 94), mas também no reaparecimento de páginas e secções culturais na imprensa generalista, que haviam sido menosprezadas na década anterior (Mesquita, 1996, pp. 388-389). É neste período, e muito devido à aposta na cultura por parte da imprensa generalista, que vários títulos especializados em cinema terminaram, como o suplemento *Cinéfilo*, do jornal *O Século*, em 1982, a revista *Cinematógrafo*⁵, em 1981 ou a revista *Celulóide*, em 1986.

No entanto, enquanto estes títulos circularam focaram maioritariamente retrospectivas de obras e de realizadores que se haviam destacado na história do cinema (Lourenço & Centeno, 2019). Um exemplo é o 41º número da revista *Cinema Novo* dedicado à figura e obra de Ingmar Bergman. Na década de 1980, estas revistas começaram também a abordar temas que até então não eram comuns, como o cinema infantil ou a homossexualidade no cinema (foi tema central do nº13 da revista *Cinema Novo*, em 1980).

Foram anos de abertura a novas temáticas e olhares ao cinema, mas também a uma construção de uma memória das principais obras e figuras do cinema. Contudo, se até então a imprensa tinha acompanhado e sido um motor de dinamização do cinema português, nos anos 1980 a proliferação massiva dos filmes estrangeiros, maioritariamente norte-americanos, reduziu em grande número a atenção que as revistas especializadas davam ao cinema nacional.

OS TÍTULOS INTERNACIONAIS E O COLAPSO DA IMPRENSA DE CINEMA EM PORTUGAL

A velocidade galopante da indústria cinematográfica internacional dos anos 1980 decorreu a um ritmo que a imprensa portuguesa sobre

⁵ Foi uma revista com uma duração muito curta, e tinha como diretor João Antunes (actual jornalista de cinema do *Jornal de Notícias*) e colaboradores como João Bénard da Costa, Eduardo Prado Coelho ou João Lopes (actual jornalista e crítico de cinema no *Diário de Notícias*, SIC e Antena3).

cinema demorou a conseguir acompanhar e essa velocidade transitou para a década de 1990. Foram anos em que o número de salas de cinema quase duplicou no país, no entanto Portugal continuou a apresentar o menor número de ecrãs de cinema, a menor taxa de espectadores *percapita* da UE, bem como a menor receita de bilhetes vendidos para filmes nacionais, tendo o cinema norte-americano dominado o interesse do público em 95% (Ferreira, 2013).

No campo do jornalismo, é criado o jornal *Público* (em Março de 1990), desde logo catalogado enquanto referência e com um forte compromisso a nível cultural, e no campo das publicações especializadas a nível cultural destacaram-se as revistas destinadas ao público televisivo que crescia ano após ano, nomeadamente com o aparecimento das televisões privadas (Reis & Nunes, 1996, pp. 397-398).

Quanto à imprensa dedicada ao cinema, os primeiros anos da década ficaram marcados por algumas tentativas como a *Arte7: revista técnica de cinema* (dirigida por Manuel Costa e Silva). Mas só nos últimos anos da década é que apareceria um título com alguma estabilidade. *Estreia* surgiu em Outubro de 1998, recuperando parte da equipa da *Cinema Novo*. Um ano depois, aparece a *Premiere*, a versão portuguesa de uma das revistas de cinema mais prestigiadas a nível internacional (como é mencionado no editorial do nº1 da revista). Surge em Novembro de 1999.

Estas eram publicações cujo olhar passou a estar focado no cinema internacional, em grande medida no norte-americano. Eram apresentadas críticas às estreias do mês, seguia-se a actualidade cinematográfica internacional e havia entrevistas exclusivas a grandes celebridades do universo do cinema.

Com o final de *Estreia* em 2002, a *Premiere* foi durante grande parte da década de 2000 a única publicação especializada em cinema em Portugal. Em 2007, viveu um período crítico e esteve quase a deixar de ser publicada, mas conseguiu manter-se no mercado com uma nova série, renovação dos artigos publicados, novas secções e uma nova equipa.

Em Maio de 2010, surgiu a primeira concorrente à *Premiere* em oito anos, a *Magazine HD*, que além do cinema também se dedicava a cobrir séries televisivas ou jogos e consolas. Em Abril de 2011, surge a versão portuguesa da revista americana *Total Film*. No mês seguinte aparece também a versão portuguesa daquela que é a publicação especializada em cinema mais vendida no mundo, a britânica *Empire*.

Com tantas revistas de cinema a surgir em Portugal num curto espaço de tempo seria de esperar que houvesse diferenças editoriais entre elas, mas eram todas muito idênticas na cobertura, quase total, ao cinema norte-americano, com antevisões daquilo que estaria a chegar às salas, entrevistas aos actores e realizadores estrangeiros, críticas às estreias do mês e quase esquecendo o cinema português.

Apesar de 2011 ter sido o ano em que surgiram duas grandes publicações especializadas em cinema, este seria o ano que ficou marcado pelo desaparecimento de quase todos estes títulos. Em menos de um ano, a *Total Film* terminou (em Outubro de 2011), tendo editado apenas cinco números, seguindo-se a *Premiere* (encerrou em Dezembro de 2011), ao fim de 12 anos no mercado português. A *Magazine HD* também deixou de ser publicada em Agosto de 2011 com 13 números, mantendo-se apenas no meio *online* como um *website* de divulgação, maioritariamente sobre os temas cinema e televisão. Restou a recém-chegada *Empire*, mas em Julho de 2014, também deixou de ser publicada, tendo-se mantido no mercado durante 39 números mensais. Desta forma, Portugal deixou de ter uma publicação especializada em cinema até aos dias de hoje.

CONCLUSÕES

Traçado quase um século de imprensa sobre cinema em Portugal, concluímos que estas foram décadas muito distintas em que as várias publicações se desenvolveram à medida do cinema de então e foram acompanhando as influências da imprensa especializada internacional. Na primeira metade do séc. XX assistiu-se a uma proliferação da imprensa de cinema com a circulação de um vasto número de títulos mas com um foco centrado, maioritariamente, nas celebridades e nas estreias num estilo discursivo, em grande medida, descritivo. As críticas de então cingiam-se apenas à opinião do crítico, sem uma interpretação e análise do filme do ponto de vista técnico e artístico. Tal só viria a alterar-se a partir da década de 1950 devido à influência do pensamento francês fundador da *Cahiers du Cinéma* que propunha um novo olhar na forma de interpretar e analisar uma obra cinematográfica.

A crítica torna-se o principal género jornalístico da imprensa sobre cinema a partir da década de 1960 evocando o pensamento discursivo,

estético e narrativo das obras e os contextos em que estas surgiam. A partir daí a crítica assume-se até aos dias de hoje como o género de excelência no olhar das publicações especializadas sobre cinema.

Se, durante o século XX, a imprensa sobre cinema andou de mãos dadas com os agentes da actividade cinematográfica⁶, muitas vezes impulsionando e defendendo o cinema português, no final do século e nas primeiras décadas do séc. XXI, o foco esteve no cinema internacional, nomeadamente no proveniente de Hollywood. As duas últimas décadas ficaram marcadas pela importação e adaptação dos títulos internacionais e por pouca atenção destes à realidade portuguesa. Contudo, eram publicações compostas por um grande número de páginas (entre 100 ou mais) e que informavam sobre a actualidade cinematográfica internacional além das estreias do mês.

Ao longo deste século assistiu-se a algo que hoje é inexistente em Portugal. Desde 2014 que não existe uma publicação dedicada ao cinema no país e quer o próprio sector do jornalismo, quer o sector do cinema não mostram interesse nessa revitalização, embora existam alguns contributos no âmbito do jornalismo de cinema na rádio e televisão e de forma muito residual na imprensa generalista.

BIBLIOGRAFIA

- Aumont, J., & Marie, M. (2009). *Dicionário Teórico e Crítico do Cinema* (1ª ed.). Lisboa: Edições Texto & Grafia.
- Baptista, C. (2017a). Jornalismo Cultural em Portugal - retrato de uma década e projecções para o futuro. In C. Baptista (Ed.), *A Cultura na Primeira Página - Uma década de jornalismo cultural na imprensa em Portugal* (1ª ed., pp. 43-86). Lisboa: Escritório Editora.
- Barroso, E. P. (2002). *Justificação e Crítica do Cinema Português. Anos 60/Anos 70*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Barroso, E. P. (2008). *Locomotiva dos Sonhos* (1ª ed.). Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Borges, T. B. (2018, Fevereiro 1). *Textos & Imagens* 5. [Online]. Consultado a 11 de Julho de 2018. Disponível em: <http://www.cinematca.pt/Cinematca/Destaques/Textos-Imagens-5.aspx>

⁶ Vários realizadores portugueses como António Lopes Ribeiro, Fernando Lopes ou António-Pedro Vasconcelos desempenharam papéis de direção ou chefia de redação de publicações especializadas em cinema.

- Carmo, T. M. (2006). *Evolução Portuguesa do Jornalismo Cultural*. *Janus*.
- Costa, A. (1954). *Breve História da Imprensa Cinematográfica Portuguesa*. Porto: Cine-clubes do Porto.
- Costa, A. (1978). *Breve História do Cinema Português (1896-1962)*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa/Secretaria de Estado da Investigação Científica/Ministério da Educação e Investigação Científica.
- Cunha, P. (2008). A crítica que mudou a crítica de cinema na imprensa portuguesa: o caso Diário de Lisboa, 1968. *Colóquio Internacional "O Cinema através da Crítica. Cinema, teoria, literatura e crítica de cinema na Península Ibérica"*. Coimbra.
- Cunha, P. (2014). *O Novo Cinema Português. Políticas Públicas e Modos de Produção (1949-1980)*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Cunha, P., & Penafria, M. (2017). A Crítica dos Cineclubes em Portugal: O Caso do Boletim do Cineclubes de Guimarães. In P. Cunha, & M. Penafria (Eds.), *Crítica de Cinema - Reflexões sobre um Discurso* (1ª ed., pp. 103-122). Covilhã: LabCom. IFP.
- Ferreira, C. O. (2013). 1990-99 Estabilidade, crescimento e diversificação. In P. Cunha, & M. Sales, *Cinema Português: Um Guia Essencial* (1ª ed., pp. 238-267). São Paulo: SESI - editora.
- Henry, C. (2006). *A Cidade Das Flores: Para Uma Recepção Cultural Em Portugal Do Cinema Neo-Realista Italiano Como Metáfora Possível De Uma Ausência* (1ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopes, J. (2016). Um filme não é uma telenovela. *Camões - revista de letras e culturas lusófonas*, 24, 77-79.
- Lourenço, J., & Centeno, M. (2019). A Evolução da Imprensa sobre Cinema em Portugal: Da Ditadura aos Primeiros Anos da Democracia. *Media & Jornalismo*, 19 (35), 149-164.
- Mangorrinha, J. (2014a, Fevereiro 25). *Cinema: semanário cinematográfico*. [Online]. Consultado a 11 de Julho de 2018. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/Cinema.pdf>
- Mangorrinha, J. (2014b, Fevereiro 25). *Movimento, cinema, arte, elegância*. [Online]. Consultado a 11 de Julho de 2018. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/Movimento.pdf>
- Mesquita, M. (1996). Os meios de comunicação social. O universo dos media entre 1974 e 1986. In A. Reis, *Portugal 20 Anos de Democracia* (pp. 360-396). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Pina, L. d. (1986). *História do Cinema Português*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Reis, A., & Nunes, J. M. (1996). Os meios de comunicação social. breve síntese sobre a evolução dos media no período 87-94. In A. Reis (Ed.), *Portugal 20 Anos de Democracia* (pp. 396-405). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Santos Silva, D. (2009). Tendências do Jornalismo Cultural em Portugal. *Anexo dos Congressos 6º SOPCOM/8º LUSOCOM* (pp. 91-106). Lisboa: SOPCOM.